



O claustro principal do Convento de Cristo de Tomar: a obra perdida de João de Castilho

Gabriel Pereira | CEAACP - Universidade de Coimbra



Figura 1 - Arco e abobada do antigo claustro. João de Castilho, c. 1533-1545. © gpereira.



Figura 2 - Claustro principal do Convento de Cristo. Diogo de Torralva, 1554-1558. © gpereira.

O processo evolutivo de qualquer conjunto arquitetónico é feito de escolhas e, não raras vezes, para a construção de novo edifício é necessário sacrificar partes do anterior. Exemplo disso reside no claustro principal do Convento de Cristo de Tomar (Figura 2). A obra actual, executada por Diogo de Torralva e peça fundamental do Renascimento da segunda metade do século XVI, veio substituir uma de igual importância, realizada por João de Castilho no seguimento da reforma arquitectónica de 1533, no entanto, nunca terminada. Esta linha de investigação, inserida no contexto do nosso doutoramento, procurará compreender melhor a obra castilhana, tanto numa dimensão espacial como funcional.



Figura 3 - Friso com elementos decorativos. Claustro castilhiano, c. 1533-1545. © gpereira.

As alterações culturais vivenciadas no território português em meados do século XVI, em grande medida ditadas pelo espírito do Concílio de Trento e da Reforma Católica, ditaram uma inversão no sentido estético da própria arquitectura. Consequentemente, as soluções avançadas por João de Castilho no decorrer das décadas de 1530 e 1540 revelavam-se desactualizadas, apresentando uma decoração de interpretação dúbia, por vezes com uma dimensão quase herética. Juntamente com o facto de a obra não se encontrar terminada e, ainda, apresentar alguma perigosidade para a comunidade religiosa, D. João III optou pela sua substituição, o que aconteceria a partir de 1554 (Figuras 3 e 4).



Felizmente, talvez por questões de ordem prática e económica - certamente mais do que por consciência patrimonial - Diogo de Torralva poupou pequenos lanços do primitivo claustro nas zonas contíguas aos corredores do piso térreo, que fazem a comunicação com o refeitório, o antigo capítulo (Figura 5), o claustro de Santa Barbara e o terraço sobre a zona do laranjal. Neles podem retirar-se dados tão importantes como as dimensões dos corredores, as cotas e pé-direito dos diferentes pisos, mas, também, medidas de arcos, colunas ou abóbadas que se iriam repetir e teriam seguimento pelas diferentes alas do claustro castilhiano (Figuras 6 e 7). Percebe-se, também, que o antigo claustro possuía, apenas em alguns segmentos, mais do que um corredor (Figuras 8 a 10) - de modo a uniformizar o espaço entre este claustro e as construções manuelinas (Capítulo e nave da Igreja).



Figura 4 - Pilastra com elementos decorativos. Claustro castilhiano, c. 1533-1545. © gpereira.

No intuito de dar uma nova visibilidade a esta obra, também ela fundamental no panorama do Renascimento em Portugal, aliar-se-ão as novas tecnologias (sempre numa óptica de suporte e complementaridade) à História da Arte, nomeadamente recorrendo à construção de modelos tridimensionais, fotografia aérea através de drone, medições com laser ou a reprodução de segmentos de edificado desaparecidos que apresentem uma definição e disposição evidente. A análise do edificado sobrevivente será sempre acompanhada pelo estudo da documentação referente às obras no Convento e do programa decorativo executado, procurando compreender a dinâmica do estaleiro, a prática da actividade arquitectónica e escultórica, as fontes visuais e as relações hierárquicas dos trabalhadores, assim como as suas origens e níveis de formação. Os resultados permitirão evidenciar as especificidades (ou ausência delas) da obra de Tomar, situando-a melhor no contexto do Renascimento nacional e europeu.

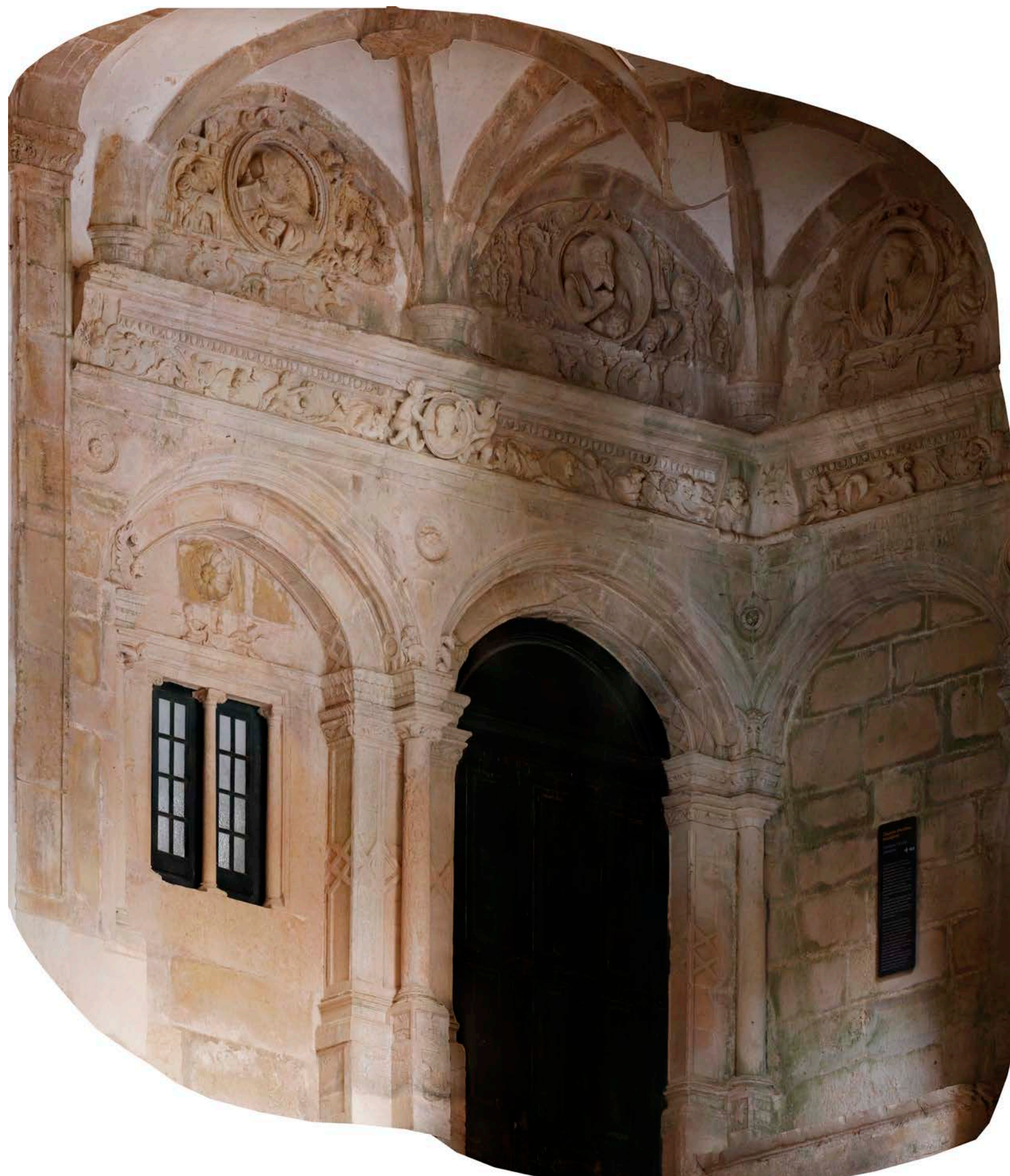


Figura 5 - Corredor secundário do claustro castilhiano e acesso à sala do Capítulo, 1545. © gpereira.



Figura 6 (à esquerda) - Arcos do corredor principal do claustro castilhiano mantidos por Diogo de Torralva. © gpereira.

Figura 7 (à direita) - Sala anexa ao claustro castilhiano, c. 1533.1545. © gpereira.



Figura 8 (em cima) - Acesso ao púlpito do refeitório. João de Castilho, c. 1533-1545. © gpereira.

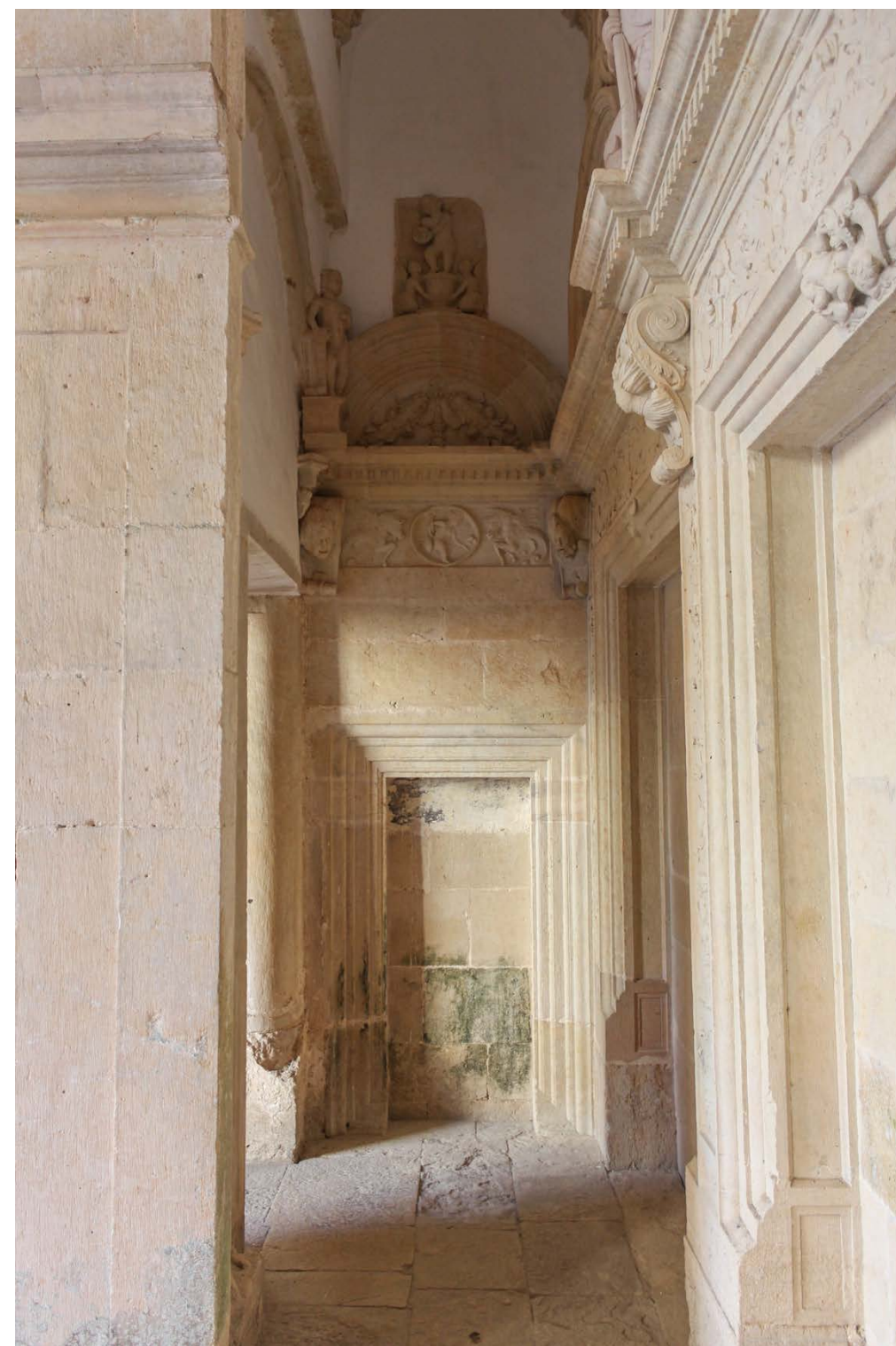
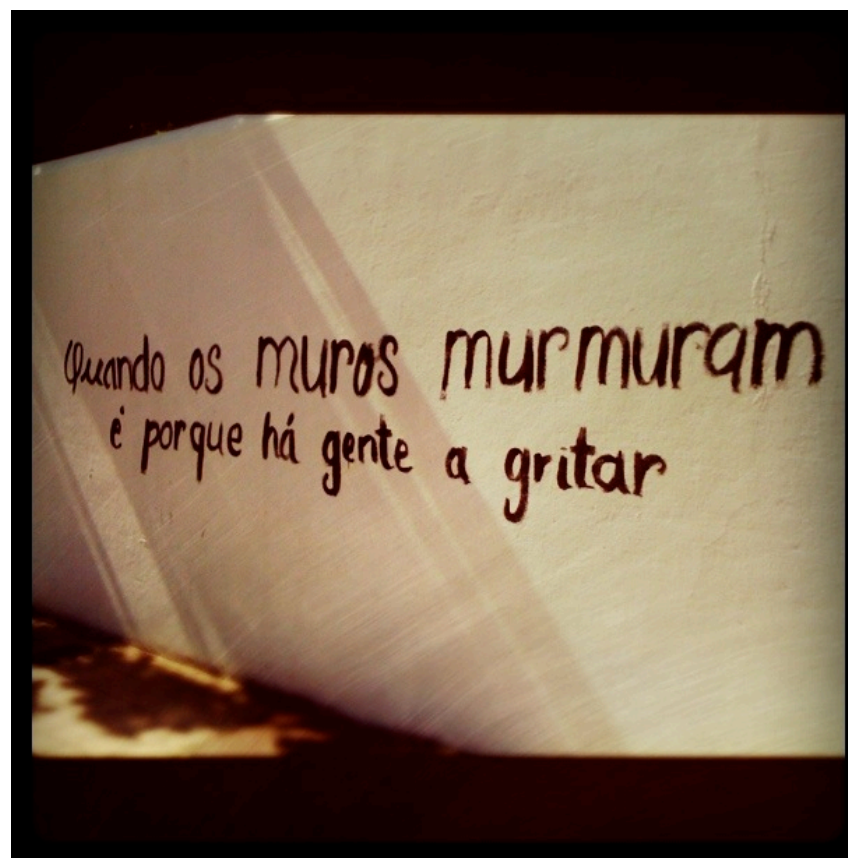


Figura 9 (à direita) - Corredor secundário do claustro castilhiano. c. 1533-1545. © gpereira.



Figura 10 - Arcos divisórios entre os diferentes corredores do claustro castelhano. c. 1533-1545. © gpereira.



“Pare, Escute e Olhe” | Rua da Piedade, Porto (Maio de 2013). (Foto de Joana Alves-Ferreira).